



GRANDES PORTUGUESES DA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

José VERDASCA

INTRODUÇÃO HISTÓRICA

A história da Terra tem cerca de cinco mil milhões de anos, e a história do Homem perto de um milésimo, ou seja, cinco milhões, se bem que dela - e com certa exatidão - apenas conhecemos os últimos cinco mil anos, correspondentes ao período em que o Homem fez uso da escrita, isto, naturalmente, em valores aproximados. Entretanto, se recuarmos no tempo, podemos valer-nos da antropologia e da arqueologia, que nos atestam ter o nosso ascendente direto - homem de *Cro-magnon* - surgido entre 45 e 35 mil anos atrás, e sido batizado *homo sapiens sapiens*, o que significa homem inteligente, que sabe, espécie já conosco identificada, não apenas na forma e tamanho, como, especialmente, no que ao cérebro concerne, uma vez que este já atingia o volume médio de um litro e meio, muito superior à capacidade craniana de seus ancestrais de até dois milhões de anos atrás, avaliada em cerca de meio litro, ou mesmo do *pithecanthropos erectus*, de entre um e dois milhões de anos, o qual, na sua fase mais recente, possuía um cérebro de perto de um litro de volume.

Comprovando a sua esclarecida inteligência, o *homem de Cro-magnon* legou-nos belíssimas obras de arte, esculturas e pinturas, as primeiras representadas - entre outras - pela famosa coleção de estatuetas de mulher designadas Vênus (de Willendorf, de Laussel, etc.), e, as segundas, pelas maravilhosas pinturas rupestres das grutas francesas de Dordogne, Ariège, e Marseille; de Altamira, em Espanha; e de Santiago

do Escoural (Évora), em Portugal, onde recentemente foram descobertas as gravações na rocha do vale do rio Côa - município de Foz Côa - obras com idades variando de trinta (para as primeiras) a quinze mil anos, para as últimas. Tais obras de arte foram executadas no período ante-diluviano, cientificamente comprovado como tendo ocorrido há cerca de 15 mil anos atrás, no final do último Glaciário, quando a fusão dos gêlos - resultante do aquecimento da Terra - provocou uma elevação de perto de 120 metros das águas dos mares e oceanos, a coincidir com o bíblico Dilúvio, nome resultante de errada tradução do vocábulo *MABUL*, que, em hebraico, significa inundação.

Após o citado degelo, e conseqüente inundação, que levou os povos que a ele sobreviveram a refugiarem-se nas terras altas, encontramos a Ibéria povoada pelos *IBEROS*, do nome do rio Iber (ou que lhe deram o seu), naquela que mais tarde veio a chamar-se Península Ibérica, onde, depois da chegada dos *IBEROS*, se seguiram muitos outros povos, tais como *CELTAS* (início do primeiro milênio antes de Jesus Cristo), *FENÍCIOS* (logo depois), *GREGOS* (desde meados do I milênio a.C.), *CARTAGINESES* (a partir da consolidação de Cartago, no Norte de Africa, fundada por tirenses, também fenícios, e até a sua conquista por Roma), *ROMANOS* (o primeiro desembarque de tropas romanas na península verificou-se em 219 a.C.), *BARBAROS* (godos, vândalos, alanos, e suevos, a partir do início do século V), e, por fim os chamados *MOUROS*, nome pelo qual ficaram conhecidos os invasores árabes, mauritanos, e berberes, que, em 711 da nossa era, invadiram e conquistaram a Península Ibérica, onde levaram uma civilização muito superior à dos bárbaros que então a dominavam.

Subjugada a Península Ibérica pelos romanos - heroicamente combatidos pelos nativos comandados pelo ilustre lusitano Viriato - os povos que a habitavam foram completamente dominados pela superior civilização latina, a ponto de, ao fim de poucas décadas, os muitos dialetos que lá se falavam terem sido quase totalmente substituídos por variantes da língua latina - latim *bárbaro*, *eruditus*, *castrensis*, *vulgaris* - as quais, após receberem a influência das línguas bárbara e árabe, derivaram para a língua GALAICO-DURIENSE, falada a partir dos séculos VIII-IX, e

hoje representada pelas línguas portuguesa e galêga, irmãs gêmeas neo-latinas.

E, se é fenício o vocábulo *Lusitania* - de *amigdalum*=*amendoeira*, árvore que os fenícios, no início do primeiro milênio a.C., encontraram em flor no Algarve - e nome da província romana equivalente ao território português, o novo reino fundado por D. Afonso Henriques - PORTUGAL - deriva dos vocábulos latinos *Portus* e *Calem*, pelos quais os romanos designavam as cidades do Porto, e Gaia, respectivamente, situadas nas margens direita e esquerda da foz do rio Douro.

A LUSITÂNIA ROMANA

O território da antiga Lusitânia romana - segundo Plínio e Estrabão, historiadores da época - era ocupado por entre 45 e 50 tribos, cada uma delas com sua cultura e seu dialeto, povos que acabaram sendo designados pelo nome genérico de *lusitanos*, e que foram, na realidade, os nossos remotos ancestrais, se bem que após várias fusões étnicas e sobreposições culturais, ao longo dos últimos três mil anos, nomeadamente com gentes das várias províncias do Império Romano, a que se seguiram os bárbaros e mouros já citados, estes, na realidade, comandados por árabes de civilização superior, o que colocou a Península Ibérica muito à frente do resto da Europa. Com as invasões bárbaras do início do século V (409-411), e conseqüente queda do Império Romano do Ocidente, iniciou-se o período de cerca de MIL ANOS que ficou conhecido como Idade das Trevas, designação imprópria e injusta, pois foi nesse período que o ensino se institucionalizou, e se fundaram as primeiras universidades.

SÃO DÂMASO, PAPA LUSITANO

Após a morte de Jesus Cristo, os apóstolos iniciaram a sua peregrinação pelo Mundo, passaram pela Ibéria e - segundo a tradi-

ção - já no século I, a cidade de Braga, então designada *Brácará Augusta*, foi elevada à categoria de bispado - o primeiro das Hespanhas - pelo que o seu titular ainda hoje é designado PRIMAZ das HESPANHAS.

Segundo antiquíssimos códices, São Dâmaso nasceu em 304 em Couto de Pedralva, aldeia entre Guimarães e Braga, onde teria recebido requintada educação. Levado pelos pais para Roma, o jovem tanto impressionou o Papa São Libório que este o nomeou subdiácono, diácono, e depois presbítero. Mais tarde, tendo São Libório que se ausentar de Roma, encarregou São Dâmaso do governo da cristandade. e, com o falecimento de São Libório em 24 de setembro de 366, o clero e os cristãos elegeram São Dâmaso como Pontífice da Igreja Romana com o nome de Dâmaso I. Durante o seu brilhante pontificado, São Dâmaso encarregou São Jerônimo da tradução da Bíblia, diretamente do hebraico para o latim, tradução que passou à história com o nome de Vulgata.

A IDADE MÉDIA PORTUGUESA

Em plena Idade Média surgiu Portugal, que foi o primeiro país europeu independente com a configuração atual, o que explica ter saído na frente de todos os outros na corrida pelos Descobrimentos, e, ainda -apesar de pequeno e pobre - ter-se tornado a maior potência naval do mundo. Nessa altura, no atual território espanhol existiam vários reinos independentes, o mesmo ocorrendo nos território hoje ocupados pelos outros Estados da Europa, que só ascenderam à independência a partir do final da Idade Média, caso da Espanha, em 1492, da França, Alemanha, e Itália, depois.

Como já se disse, a Lusitânia foi conquistada pelos bárbaros a partir do início do século V, e estes subjugados pelos árabes em 711, só expulsos definitivamente do atual território português com a conquista definitiva do Algarve no final do século XIII, pelo que se passaram cerca de oitocentos anos entre a derrocada daquela, e a formação do reino de Portugal e dos Algarves.

D. AFONSO HENRIQUES (1111-1185)

O primeiro rei de Portugal era filho do conde borgonhês D. Henrique (Henrique significava filho de Henrique), e de Dona Tareja, ou Tereza, filha bastarda de Afonso VI, rei de Leão e Castela. Deste modo, o reino de Portugal nasceu do sangue e das culturas francesa e castelhana, quando ainda não existiam nem França, nem Espanha, cujos territórios eram ocupados por Nações independentes.

Nascido talvez em 1111, em Guimarães, então sede ou capital do condado Portucalense, o príncipe D. Afonso Henrique cresceu na humilhante presença do padrasto, conde galego Ferrão Perues de Trava, que simbolizava a tutela da Galiza que ele repudiava. Órfão de pai, e apenas com 16 anos de idade, armou-se a si próprio cavaleiro na vetusta sé de Samorá, e, aos dezessete, comandou as forças que, na batalha de São Mamede, perto da capital, destroçaram as tropas desse conde. E, durante mais 57 anos, D. Afonso Henriques não concedeu tréguas aos ocupantes árabes, pelo que, ao falecer em 1185, com 74 anos, o reino de Portugal, por si fundado, já se estendia do Minho ao Alentejo, e os muçulmanos estavam confinados no Algarve.

Entretanto - como diria Camões - a mão que tão bem empunhava a espada, do mesmo modo cuidava da instrução, pois logo no início de seu reinado, D. Afonso Henriques fundou três conventos que foram autênticas universidades, uma vez que em Santa Cruz de Coimbra, Alcobça, e São Vicente de Fora, a qualidade do ensino ministrado era, para a época, de nível superior. A prová-lo, tivemos Santo Antônio de Lisboa (dito de Pádua), que formado em Santa Cruz, encantou a Itália e a França com seus sermões e sua erudição. São, ainda, obra de D. Afonso Henriques, as antigas e principais catedrais de muitos dos bispados de Portugal, onde funcionavam as famosas escolas, que deram o nome às sés colegiadas, por que muitas ainda hoje são conhecidas.

Não costumamos dar a devida importância ao facto de o nosso primeiro rei - D. Afonso Henriques, logo após a fundação de Portugal, em 1128 - ter fundado os mosteiros de Santa Cruz de Coimbra, e de São Vicente de Fora, em Lisboa, e a Abadia de Alcobça, onde funcionaram as melhores

escolas portuguesas a partir do século XII, portanto ao tempo da fundação da primeira faculdade de direito do mundo, em 1111, Bolonha. Enquanto são Vicente de Fora era escola secundária, onde o chamado *trivium* (gramática, retórica, e dialética, então as três primeiras artes liberais) era lecionado; em Santa Cruz de Coimbra lecionava-se o *quadrivium* (aritmética, geometria, música, e astronomia), então considerada a parte superior das ciências.

Fernando Martins de Bulhões - o nosso popular e erudito Santo Antônio - ambas freqüentou, tendo saído de Santa Cruz de Coimbra com uma formação superior que espantou o mundo culto da época. Foi também em Santa Cruz que Camões adquiriu o vasto saber revelado na sua obra máxima - “Os Lusíadas” - poema heróico que ombréia com a “Ilíada” e a “Odisséia” de Homero, e com a “Eneida” de Vergílio. Aliás, é Camões a mais elevada expressão das letras portuguesas, a encerrar com chave de ouro a brilhante fase da nossa cultura renascentista.

PEDRO JULIÃO (PAPA JOÃO XXI)

O segundo papa português - o primeiro foi São Dâmaso, nove séculos antes - chamou-se Pedro Julião, se bem que assinasse as suas obras como Pedro Hispano. Nascido na freguesia de São Julião, em Lisboa, em data que ignoramos, mas se estima entre 1210 e 1220, o nosso Papa João XXI foi uma das maiores expressões do pensamento e da erudição do seu tempo, havendo mesmo que lhe atribua a glória de ter sido o iniciador do renascimento em Portugal, até mesmo na Europa. Filho do médico Julião Rabelo, Pedro Julião teve uma esmerada educação, e uma formação acadêmica rica, diversificada, e completa. Como Santo Antônio - trinta anos antes de Pedro - aprendeu as primeiras letras na colegiada da sé de Lisboa. Depois, estudou humanidades na universidade de Paris, após o que se formou em medicina em Montpellier - Sul da França - a primeira do mundo nessa especialidade. Logo depois, graduou-se em filosofia, teologia, matemática, e dialética, sempre com brilho, o que lhe conferiu prestígio em toda à Europa. Só depois ele regressou a Portugal para receber Ordens Sacras.

Recebido na sua terra com as maiores honrarias, viu-se nomeado para os mais elevados cargos eclesiásticos, tais como Deão da Sé de Lisboa, Prior da Colegiada de Guimarães, e Arcebispo de Braga, portanto Primaz das Hespanhas. Mas - definitivamente - Portugal era pequeno para tão grandes talento e saber, pelo que Pedro Hispano seguiu para a Universidade de Siena (quando ainda não tinha sido fundada a Universidade de Coimbra), onde lecionou, e escreveu o notável tratado de filosofia *Summulae Logicales*, que foi - durante vários séculos - o compêndio de lógica adotado e preferido nas universidades europeias. Médico particular do Papa Gregório X, acabou sucedendo em 1271 Adriano V na cadeira de São Pedro, com o nome de João XXI.

RENASCENÇA, RENASCIMENTO, E DESCOBRIMENTOS

A Renascença ou Renascimento (nascer de novo) consistiu em um movimento de RENOVAÇÃO científica, literária, e artística, iniciado no século XIV em Florença, e que logo se alastrou a toda a Europa; como grandes nomes do Renascimento podemos citar Petrarca, Bocaccio, Ramo, Erasmo, Ariosto, Maquiavel, Rafael, Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, Botticelli e muitos outros conhecidos e consagrados cientistas, artistas, e homens de letras, estes também artistas da palavra.

Suponho podermos afirmar que - em Portugal - o Renascimento foi iniciado pelo Infante D. Henrique (estou a vê-lo, com o famoso e grande chapéu de Borgonha), quando, após a conquista de Ceuta em 1415, se instalou em Sagres, e ali se fez rodear dos mais famosos cientistas da época, com os quais debatia as ciências da arte de navegar, como a astronomia, a geografia, a cartografia, a meteorologia, e a construção naval, naquela que ficou conhecida como Escola de Sagres, não por se tratar de algo semelhante a um colégio, mas antes por lá se reunirem os maiores sábios do tempo, onde discutiam, aconselhavam, e ensinavam a D. Henrique e a seus almirantes, essas ciências, que lhes facultaram a invenção da caravela, e o início das navegações e dos Descobrimentos.

Foi, pois, com o Infante D. Henrique que os Descobrimentos se iniciaram, época em que floresceu o Renascimento em Portugal, quando as ciências, as letras, e as artes atingiram um brilho jamais visto, e a maravilhosa Civilização Portuguesa de Quinhentos encheu de assombro toda a Europa, mercê de algumas gerações de grandes portugueses, dentre os quais podemos citar:

Nas ciências Duarte Pacheco Pereira, o grande navegador e cientista, autor de “Esmeraldo de Situ Orbis”; Pedro Nunes, de quem logo nos falará o mestre Freire; Castro Sarmiento, cirurgião e professor em Inglaterra, e médico da rainha; Garcia da Horta, médico e boticário, companheiro de Martim Afonso na viagem para a Índia, primeiro cientista do mundo a estudar a cólera; João Bemardes, cirurgião e patriarca de Alexandria; Tomé Pires, que entre os mestres da milenar medicina chinesa, foi médico e boticário da corte imperial; Francisco Sanches, doutor em medicina por Montpellier e Tolosa, onde brilhou como diretor de hospital; Zacuto Lusitano, doutor em medicina por Sigüenza aos dezenove anos de idade, autor dos compêndios “Medicorum Principium”, “Praxis Historiarum”, e “Praxis Médica”, e muitos outros filósofos-médicos, como Pedro Julião (1210-1277), o nosso papa João XXI, *Primus Inter Pares*, grande mestre do século XIII, muito antes de - em Florença - ter florescido o Renascimento.

Nas letras Damião de Góis -de que também nos falará o Prof. Freire -; João de Barros, o grande historiador da Ásia, autor das célebres “Décadas”, cuja imensa fortuna foi perdida na sua capitania do Maranhão, para onde enviou a maior armada particular que veio ao Brasil; Aires Barbosa, helenista e latinista notável, condiscípulo em Florença de João de Médicis (depois papa Leão X); André de Resende, grande mestre em Lovaina; Gil Vicente, o brilhante fundador do teatro português, sensível e grande artista, autor da maravilhosa custódia de Belém; Amato Lusitano, mestre em quase todas as cortes e universidades italianas; Diogo do Couto, célebre historiador, autor das “Décadas da Índia”, continuador de João de Barros; Aquiles Estaço, doutorado por Paris e Lovaina, mestre em Sapiência, e fundador de bibliotecas em Roma; Garcia de Resende, brilhante poeta e cronista, autor da “Crônica de D. João II” e do livro de poemas

“Miscelânea”, e compilador de “O Cancioneiro”; Antônio de Gouveia (irmão de André), grande jurisconsulto e escritor, que lecionou em Tolosa, Cahors, Grenoble, e Sabóia.

Entretanto, gostaria de destacar o alto prestígio a que chegaram as letras portuguesas no mundo do saber, quando Diogo de Gouveia (o velho) fundou o Colégio (universidade) Português de Santa Bárbara, em Paris, de que foi reitor e onde foi professor de Santo Inácio de Loyola, o imortal fundador da Companhia de Jesus; na mesma época foram eleitos reitores da Universidade de Paris - em claustro pleno, por professores e alunos - Guilherme de Gouveia (1530), Álvaro da Fonseca (1538), e Diogo de Gouveia (o moço) 1547, então considerada por Ramus a Universidade do Mundo; e, na mesma altura André de Gouveia, João Fernandes da Costa, e o padre Vilegas foram reitores do Colège de Guyègne, a universidade de Bordéus. Repare-se especialmente nos membros da família Gouveia - parentes de Pedr' Alvares de Gouveia, o nosso Cabral achador do Brasil.

Finalmente, nas artes - especialmente na arquitetura, que passou à história como *estilo manuelino* destacaram-se - entre outros - mestre Mateus Fernandes, autor das capelas ditas imperfeitas - porque inacabadas - do mosteiro da Batalha; mestre João de Castilho, no convento de Cristo, em Tomar, onde avulta a mais bela janela do mundo; mestre João de Castilho, o grande obreiro do mosteiro dos Jerônimos; e em dezenas de mosteiros e catedrais, onde o belo gótico manuelino atesta o talento dos arquitetos portugueses renascentistas. Também na arquitetura militar a imaginação criadora dos lusitanos se fez presente, como na belíssima Torre de Belém - ex-libris de Lisboa e de Portugal - cujo projeto é atribuído ao já citado homem de letras Garcia de Resende.

Em 1536, quando aqui chegaram os primeiros capitães donatários, Lisboa - para cerca de 100 mil habitantes - possuía 54 lojas de livros, ou seja, uma livraria para menos de dois mil moradores. Acredito que, tal proporção, jamais foi igualada em qualquer parte do mundo. Tudo isto passava-se no século XVI, época em que eram enviados ao Brasil grandes homens como Pedr' Alvares de Gouveia (Cabral), Martim Afonso de Sousa, Brás Cubas, Tomé de Souza, Manoel da Nóbrega, José de

Anchieta, Raposo Tavares, e, logo no início do século XVII, o padre Antônio Vieira - gigante da oratória, cujos sermões encantaram o mundo - o qual, formado no Colégio (universidade) do Salvador da Baía, e no Colégio (universidade) de Olinda, onde foi também professor de Teologia, Filosofia, e Retórica.

ERAM HOMENS DESTE QULATE QUE PORTUGAL MANDAVA AOBASIL, PARA COLONIZAR, PARA ADMINISTRAR, PARA EVANGELIZAR, PARA EDUCAR, a culminar num processo civilizatório que por muito tempo manteve o Brasil na frente dos Estados Unidos.

O INFANTE D. HENRIQUE - O NAVEGADOR (1394-1460)

O Renascimento operava grandes mudanças na Europa, e, em Portugal - com a subida ao trono de D. João I, e conseqüente substituição da velha nobreza pelos burgueses que o haviam apoiado - tais mudanças fizeram-se sentir profundamente. Tendo como rainha uma distinta e ilustrada senhora inglesa - Dona Filipa de Lencastre - a corte portuguesa elevou-se, instruiu-se, e moralizou-se, tendo como modelo os príncipes reais, que passaram à história como ínclita geração, exatamente devido à esmerada educação, perfeita instrução, e erudita cultura que receberam.

O Infante D. Henrique, apenas com 21 anos de idade, teve destacada atuação no conquista de Ceuta, em 1415, onde, depois de armado cavaleiro por seu pai, ficou encarregado da sua defesa. Entretanto, logo em 1416, abandonou a corte e foi fixar-se numa vila no promontório de Sagres (de sacrum), onde passou a receber os mais famosos cartógrafos, navegadores, astrônomos, geógrafos, e cientistas da época, com os quais estudava e discutia os seus projetos relativos aos Descobrimentos.

Resultado de tal empenho, e já utilizando a embarcação genuinamente portuguesa - a caravela - passados dois anos foi descoberta a ilha de Porto Santo por Gonçalves Zarco, e no ano seguinte, a ilha da Madeira. Como capitão donatário de Porto Santo, Zarco recebeu ali seu

genro Cristóvão Colombo, a que ensinou a arte de navegar, e forneceu mapas e instrumentos, o que, mais tarde, lhe permitiu descobrir as Antilhas.

Durante 45 anos, o Infante Navegador dirigiu a saga dos Descobrimentos ao longo da costa africana, e no Atlântico, e, ao falecer a 13 de dezembro de 1960, legava à sua Pátria os arquipélagos da Madeira, dos Açores, e de Cabo Verde, além de ter explorado toda a costa africana até o Golfo da Guiné.

PEDR'ÁLVARES DE GOUVEIA (CABRAL, N.1468-69 E F. 1520-26)

Descendente de duas das mais ilustres e ilustradas famílias portuguesas (Cabral e Gouveia), o comandante - em chefe da armada achadora do Brasil, foi escolhido em virtude de possuir o conjunto de atributos considerados necessários ao supremo comando da maior força até então saída da Europa para terras desconhecidas, e que tinha ainda por missão implantar o Império Português no Oriente.

A existência do Brasil era certa e sabida, pelo que se tomava necessário navegar para Ocidente até encontrar a “Ilha Brasil”, que já constava em antigos mapas, o que é confirmado pelo físico e astrônomo da armada em sua carta ao rei de Portugal:

“Quanto, senhor, ao sítio desta terra, mande Vossa Alteza trazer um mapa mundi que tem Pero Vaz Bisagudo, e, por aí, poderá Vossa Alteza ver o sítio desta terra”.

Nascido em Belmonte por volta de 1468, e criado nas agruras da região serrana das Beiras, onde seu pai desempenhava as funções de corregedor da justiça e alcaide, Pedr'Álvares era um gigante de rija têmpera, já provado nos combates do Norte de África, características a que deveria obedecer um comandante chefe da armada, para impor respeito a marinheiros e capitães - até medo - numa altura em que eram freqüentes motins e sedições a bordo. No Paço - para onde foi aos 16 anos de idade - recebeu instrução superior e formação militar semelhante aquela que

hoje é ensinada nas academias militares, pelo que desempenhava funções de oficial superior.

Sisudo, respeitado por companheiros e subordinados, devido aos atributos de caráter, inteligência, seriedade, e coragem, Pedr'Alvares não era almirante, mas comandava os melhores almirantes de Portugal, capitães de naus e caravelas onde, cerca de 1500 marinheiros e homens de armas, tinham a missão de achar as Terras de Vera Cruz, delas tomar posse, e, só depois, alterar o rumo, e seguir para as Índias. Tratava-se, assim, não de uma, mas de duas missões espinhosas e muito importantes.

As peripécias da viagem e do Achamento são de todos conhecidas, e não cabem no âmbito desta resenha; apenas direi que, tendo saído de Lisboa a 9 de março de 1500, com dez naus e três caravelas, Pedr'Alvares ali regressou em julho de 1501 com apenas 5 naus e umas poucas centenas de homens, dos 1500 com que saíra; cerca de 60% das tripulações, e 8 navios, tinham ficado pelo caminho. Se a coragem da família Cabral tinha sido posta à prova, a inteligência e erudição da família Gouveia seriam demonstradas logo em seguida.

DIOGO DE GOUVEIA (o velho)

Intelectual e humanista, tronco de ilustre dinastia de mestres e pedagogos, fundador do colégio (universidade) português de Santa Bárbara, em Paris, onde foi reitor, e professor de santo Inácio de Loyola, o célebre fundador da Companhia de Jesus, e referido pelo sábio Fernel no seu *Monalosphoenum*.

GUILHERME DE GOUVEIA

ilustre mestre em Santa Bárbara e na universidade de Paris, onde, até onde se sabe - em 1530 - foi o primeiro português a ser eleito reitor.

ANDRÉ DE GOUVEIA (1497-1548)

Tido como o mestre dos mestres, reitor da universidade de Paris em 1533, e logo depois chamado para reformar o College de Guyenne (universidade de Bordéus), amigo de Francisco I, professor em Avinhão, Grenoble e Cahors, e mestre de Rabelais e Montaigne, que, na sua obra

Essais, o considera “*Sans comparaison, le plus grand principal de France*”, ou seja, o maior reitor da França, isto em pleno Renascimento, quando a cidade luz (Paris) era o farol cultural do mundo. Como André de Gouveia, também João Fernandes da Costa e o padre Vilhegas exerceram o cargo de reitores em Guyènne.

ANTÔNIO DE GOUVEIA (1505-1566)

Irmão de André, Antônio estudou em Paris, onde lecionou filosofia de 1541 a 1544, período em que sustentou célebre polêmica com o não menos célebre Ramus, quando este atacou Aristóteles, brilhantemente defendido por Antônio de Gouveia, que acabou ganhando a disputa.

DIOGO DE GOUVEIA (o moço-)

Outro membro da família Gouveia que, na primeira metade do século XVI, e em Paris, se fez respeitar por sua erudição, também ele eleito em 1547 reitor da mais afamada e prestigiada universidade do tempo.

ALVARO DA FONSECA

Mais um mestre português eleito reitor da universidade de Paris em 1538, dirigida por quatro portugueses durante - praticamente - duas décadas, entre 1530 e 1550.

MARTIN AFONSO DE SOUZA (1500?-1564)

Primeiro capitão-mor, capitão-donatário, e colonizador das terras de Vera Cruz, onde fundou suas primeiras vilas - São Vicente e Piratininga, além da povoação de Itanhaem - Martin Afonso nasceu com o Brasil em 1500, era filho do alcaide do castelo de Bragança, Lopo de Souza, e parente do primeiro governador geral Tomé de Souza. Tal como Pedr' Alvares, foi levado para o Paço aos 16 anos de idade, e lá se tornou amigo inseparável do príncipe herdeiro D. João, depois D. João III, o qual, logo após a morte de D. Manoel, o encarregou de comandar a escolta da rainha viúva, que regressava à corte de Leão e Castela, sua pátria de origem. Ali chegado, acompanhou o imperador Carlos V nas suas campanhas, onde se notabilizou, pelo que o imperador lhe solicitou que continuasse na sua corte, onde se casou com Dona Ana Pimentel (depois

sua lugar tenente na capitania de São Vicente) onde permaneceu até 1525.

Martin Afonso foi o escolhido como primeiro capitão-mor, comandante da primeira armada colonizadora do Novo Mundo, tendo desembarcado em São Vicente a 21 de janeiro de 1532. Ali fundou a primeira vila brasileira, e, logo depois, uma outra, a vila de Piratininga, na Borda do Campo, 9 léguas dentro do sertão, segundo o diário de bordo de seu irmão Pero Lopes. Auxiliado pelo português João Ramalho, náufrago que havia mais de vinte anos se encontrava vivendo entre os índios, por quem era muito respeitado, Martin Afonso iniciou a construção de uma nova Nação, mais tarde designada Brasil, forjada à custa da fusão das três grandes etnias humanas - brancos, negros, e mongólicos ou índios - e do caldeamento de suas culturas.

Da primeira armada colonizadora faziam parte cinco navios: Nau capitânia - com capacidade para 150 tonéis, de que era piloto o irmão do capitão, Pero Lopes de Souza; nau São Miguel, de 125 tonéis, comandada por Heitor de Souza; galeão São Vicente, também de 125 tonéis, sob o comando de Pero Lobo; caravelas Rosa e Princesa, de menos de 100 tonéis, comandadas por Diogo Leite e Baltazar Gonçalves, respectivamente. Nela vinham cerca de 400 homens, e, com eles, materiais de construção, alfaias agrícolas, sementes, animais domésticos - entre eles os primeiros bovinos - mudas de árvores de fruta e de cana sacarina, e um ou dois engenhos de açúcar, que foram talvez os primeiros que se instalaram no Brasil.

De salientar que - entre os colonos - vieram 27 cavaleiros fidalgos de elevada estirpe, e de saber, entre eles Brás Cubas, Pero de Góis, e Pedro Taques, que se notabilizaram, tendo o primeiro fundado em 1553-54 o hospital de todos os Santos, na atual cidade do mesmo nome, a primeira das quase mil Santas Casas, que ainda hoje respondem por quase 50% da assistência médica de todo o Brasil.

Martin Afonso não continuou no Brasil, pois regressou a Portugal para - em nova e importantíssima missão - seguir no comando de outra armada, desta vez para ir governar a Índia, onde se cobriu de glória.

TOMÉ DE SOUZA (1503-1580)

Da mesma família, saíram o primeiro capitão donatário e o primeiro governador geral do Brasil, pois, o último, era primo do primeiro. Apenas três anos mais novo que Martin Afonso de Souza, O primeiro governador geral Tomé de Souza provinha da antiquíssima, nobre, e honrada família dos Souzas - de Paço de Souza - sobrenome hoje usado por milhões de brasileiros. Como seu primo Martin, como Cabral e muitos outros nobres, aos 16 anos foi enviado para a corte, de onde saíu soldado e administrador. Ainda como estes, conheceu o príncipe herdeiro, e, por semelhantes razões, ascendeu a altos cargos, o que acontecia com os melhores dos melhores.

Na época, as carreiras começavam no Norte de África, engrandeciam-se na Índia, e, normalmente, terminavam no Brasil, quando não se verificava a inversão de precedências, como aconteceu com Martin Afonso. De qualquer modo, se a escolha para o comando de combatentes recaía em homens jovens - cerca de trinta anos - já a selecção para funções de governo exigia cidadãos de cerca de cinquenta anos. Foi o caso de Tomé de Souza, fidalgo experimentado, prudente, e de bom senso.

Constatado o relativo fracasso de muitas das capitánias brasileiras, D. João III decidiu implantar um governo geral, que - sem suprimir tais capitánias - centralizasse algumas das atribuições daquelas, de modo a corrigir as deficiências por elas apresentadas. E a escolha recaiu no homem rico, experiente, sério, e decidido, que era Tomé de Souza, já então perto dos cinquenta anos, e muito respeitado.

Assim como a carta de Pero Vaz de Caminha foi a certidão narrativa de nascimento do Brasil, o Regimento de Tomé de Souza tornou-se - indiscutivelmente - a primeira constituição brasileira, pois presidiu à transformação da nascente Nação em verdadeiro Estado, politicamente organizado, e com leis próprias e específicas. Além disso, Tomé de Souza fundou a primeira capital - Salvador - lugar onde chegou a 29 de março de 1549, antiga capitania adquirida pela coroa.

Mais de meio ano se passou, até que - em 1 de novembro - da Casa da Câmara, Tomé de Souza declarou oficialmente a cidade do

Salvador da Baía de Todos os Santos como capital do Brasil, e prestou juramento como seu primeiro governador. Com ele viera o jesuíta padre Manoel da Nóbrega, como primeiro provincial da Companhia de Jesus, acompanhado por mais cinco padres da companhia. A todos, foi de grande valia, o auxílio prestado por Diogo Álvares - o famoso Caramuru - náufrago que, desde 1509 ou 1510, se encontrava na região, onde constituíra família, e, à semelhança de João Ramalho em Piratininga, tinha muita autoridade e prestígio junto aos índios da terra.

Três naus, duas caravelas, e um bergantim, constituíram a armada que transportou Tomé de Sousa e sua comitiva, de Lisboa para a Baía de Todos os Santos, tendo-se Tomé de Souza feito acompanhar de uma espécie de ministério, nele incluído o primeiro médico - Dr. Jorge Valadares - e o primeiro farmacêutico - Dr. Diogo de Castro - nomeados para comissões de três anos. Da comitiva de Manoel da Nóbrega, faziam parte os padres João Aspicleta Navarro, Leonardo Nunes, Antônio Pires, Diogo Jácome, e Vicente Rodrigues. No total, vieram com o governador mais de mil pessoas: 320 nomeados e assalariados; 600 militares; os restantes eram fidalgos, degredados, e não muitas esposas dos mais graduados, além dos religiosos. Passado pouco mais de meio século, a capital do Brasil seria palco de alguns dos mais belos e patrióticos sermões do grande padre Antônio Vieira, aqui chegado com seis anos de idade, e formado nos colégios-universidades do Salvador, e de Olinda, logo fundados pelos jesuítas.

LUÍS DE CAMÕES (1525?-1580)

De Camões, que poderemos dizer, e que ainda não tenha sido dito?

Nobre e homem da corte; gente do povo, e um dos mais eruditos portugueses de seu tempo; combatente, e homem de letras (numa das mãos a pena, na outra a espada); rapaz briguento, e poeta sensível ao extremo, apaixonado e amoroso; enfim, e como bom lusitano, homem em quem os extremos se encontravam, a fazer jus ao retrato da lusitana gente, pintado por um seu igual, o nosso celebrado Fernando Pessoa.

Ignoramos se Luís de Camões nasceu em Lisboa ou Alenquer, em 1525, ou por volta desse ano. Descendente de uma nobre família oriunda da Caamanos, ou Camones, na Galiza, o seu trisavô Vasco Pires ou Vasco de Camões figura como poeta no cancioneiro de Baena, quando já havia membros da família em Alenquer, Évora, e Extremoz; o bisavô João Vaz distinguiu-se nas campanhas do Norte de África; o avô D. Antão casou com uma parente de Vasco da Gama, e, o pai, Simão, teria naufragado com sua nau nas costas do Malabar, na região de Goa, Índia.

Da infância de Camões nada sabemos, mas, como o seu tio D. Bento, era frade, e reitor na “escola” do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra - de nível superior, fundada por D. Afonso Henriques - admite-se, geralmente, que a erudição revelada por Camões em sua obra, tenha sido ali adquirida.

Mas biografia e a obra de Camões - ambas riquíssimas - não cabem no âmbito desta intervenção, pelo que me limito a ressaltar o facto de o nosso poeta maior ter sido menosprezado em vida, como soe acontecer aos espíritos realmente grandes, os quais sempre são objeto do ciúme e da incompreensão de seus contemporâneos. Segundo a tradição, suas últimas palavras teriam sido: MORRO COM A PÁTRIA, o que efetivamente aconteceu, pois 1580 assistiu à sua morte, e à perda da independência de Portugal, onde, durante sessenta anos, reinaram os Filipes espanhóis.

Com tal ocorrência, terminava a mais gloriosa época do reino e do povo portugueses, encerrando-se um ciclo comparável aos mais belos períodos das civilizações fenícia, grega, e romana, magistralmente cantado por Camões em “Os Lusíadas”, e materializado por feitos quase sobre-humanos, de que sobressaem naturalmente os Descobrimentos - ilhas atlânticas, caminho marítimo para as Índias, primeira volta ao Mundo de Fernão de Magalhães, e, principalmente, o Achamento, o povoamento, a Colonização, e a civilização deste portentoso o querido Brasil, povoado por mais de CEM MILHÕES de cidadãos com nomes, sangue, e ou ascendência portuguesa, que os imigrantes presentes escolheram para segunda Pátria, e, o que é mais importante e significativo, para Pátria de seus filhos e netos.

